



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

17471 - Resumo Expandido - Trabalho em Andamento - 16ª Reunião Científica Regional da ANPEd - Sudeste (2024)
 ISSN: 2595-7945
 GT 17 - Filosofia da Educação

A Bildung nietzschiana e o pensamento do eterno retorno
 Laurici Vagner Gomes - UEMG - Universidade do Estado de Minas Gerais

A BILDUNG NIETZSCHIANA E O PENSAMENTO DO ETERNO RETORNO

Este trabalho é parte de uma pesquisa mais ampla que objetiva investigar o conceito de *Bildung* na obra de Friedrich Nietzsche. Nesse sentido, se faz necessário pontuar, antes de tudo, que o itinerário filosófico nietzschiano é marcado por mudanças, continuidades e reconfigurações. Seus comentadores costumam dividir sua obra em três períodos: período de juventude (1870-1876), intermediário (1876 a 1882) e de maturidade (1882 a 1888). Geralmente, aqueles que se interessam em investigar as considerações de Nietzsche sobre a educação e a formação, atribuem uma relevância maior a dois escritos do período de juventude: as conferências *Sobre o futuro de nossos estabelecimentos de ensino* (1872) e *Schopenhauer como Educador* (1874). No entanto, ao lançarmos um olhar mais amplo sobre a obra nietzschiana, podemos observar que o tema da educação e da formação acompanha toda a sua trajetória filosófica, mesmo que, por vezes, apareça de maneira não explícita.

Nesse cenário, o objetivo desse trabalho é analisar, em um primeiro movimento, como em *Schopenhauer como Educador* já se apresenta um dos traços mais marcantes do conceito nietzschiano de *bildung*, que o acompanha ao longo do seu itinerário filosófico: a defesa de uma educação para singularidade como superação da gregariedade. A partir disso, em um segundo movimento, nosso objetivo é mostrar como a *Bildung* nietzschiana se encontra presente na formulação e desenvolvimento do pensamento do eterno retorno. Para isso nos apoiaremos no método da revisão bibliográfica, em especial na leitura analítica da Terceira Extemporânea, do caderno de anotações M. III. 1, publicado postumamente, e das obras *A gaia ciência* e *Assim falou Zaratustra*.

Em *Schopenhauer como Educador*, Nietzsche afirma que todo humano no fundo sabe

que habita o mundo “como um unicum, e que nenhum acaso tão raro mistura pela segunda vez uma multiplicidade tão maravilhosamente variegada em algo idêntico a ele” (Nietzsche, 2020, p. 3). No entanto, cada um oculta esse saber como uma má consciência, devido ao “medo do vizinho, que exige a convenção e se esconde com ela” (Nietzsche, 2020, p. 4). Podemos observar como a gregariedade se apresenta como um obstáculo à verdadeira formação. Segundo o filósofo, a ponte em direção ao Si próprio (*eigentlichen Selbst*) somente pode ser construída pelo indivíduo. No entanto, não se deve perguntar para onde essa travessia nos conduzirá, é necessário trilhar o caminho, olhar retrospectivamente para nossa própria trajetória e observar como tudo dá testemunho de nós. Nesse dramático processo quem nos auxilia são os verdadeiros educadores. Nietzsche diz que os verdadeiros educadores convidam a alma jovem a olhar retrospectivamente para a vida, indagar sobre o que verdadeiramente amou, o que a arrebatou e a dominou, a colocar diante de si a série dos objetos venerados. Com isso, essa alma jovem vê surgir a “lei fundamental” do seu Si próprio. Adivinhar essa lei que se encontra em cada um de nós, é o trabalho do educador. Nesse sentido, os educadores são os nossos grandes libertadores, na medida em que possibilitam a supressão de tudo aquilo que é inautêntico, a “retirada de toda erva daninha, acúmulos, parasitas, que querem tocar o núcleo delicado da planta” (Nietzsche, 2020, p. 8).

Na Terceira Extemporânea, influenciado pelo pensamento schopenhaueriano, Nietzsche entende que os tipos singulares são o santo, o artista e o filósofo, pois neles a natureza, compreendida de maneira metafísica, é justificada. Em *Humano, demasiado humano* (1878), o filósofo torna pública sua ruptura com Schopenhauer, e a partir de então assistimos a uma reconfiguração de sua compreensão da formação como singularização, não mais articulada com a metafísica schopenhaueriana, mas com a filosofia imanente dos espíritos livres. Em *Ecce Homo*, o filósofo afirma que, na Terceira Extemporânea, é Nietzsche como educador que toma a palavra e não Schopenhauer, apontando, assim, para a conexão entre suas considerações acerca da formação no período de juventude e as que são apresentadas posteriormente.

O eterno retorno aparece pela primeira vez nos escritos nietzschianos em um caderno de anotações que acompanhava o filósofo em suas solitárias caminhadas em Surlei entre a primavera e o outono de 1881. Nos escritos do chamado período intermediário, podemos observar como o conceito de *Bildung* é pensado sob a perspectiva da criação artística, não mais concebida sob a ótica da metafísica de artista, mas voltada à própria vida, imanente. Vida como obra de arte, estilização do caráter e criação de si, são noções que expressam essa mudança e compõe o que podemos denominar de estilística da existência nietzschiana. Com o auxílio desse caderno de anotações podemos observar com mais clareza como o pensamento do eterno retorno está vinculado à estilística da existência de Nietzsche, assim como se articula com o problema do gregariedade. A partir disso, discutiremos a presença do conceito nietzschiano de *Bildung* na formulação e desenvolvimento desse obscuro, famoso e polêmico pensamento.

PALAVRAS-CHAVE: Bildung, Nietzsche, Eterno Retorno.

REFERÊNCIAS

NIETZSCHE, Friedrich. Fragmentos Póstumos (1875-1882). Volumen II. Traducción, introducción y notas de Manuel Barrios (Universidad de Sevilla) y Jaime Aspiunza (Universidad del País Vasco). Tecnos, 2008. (Edição espanhola dirigida por Diego Sánchez Meca)

NIETZSCHE, Friedrich. Ecce Homo. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

NIETZSCHE, Friedrich. Gaia Ciência. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

NIETZSCHE, Friedrich. Assim Falou Zaratustra. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

NIETZSCHE, Friedrich. Schopenhauer como educador. São Paulo: Martins Fontes, 2020.

NIETZSCHE, Friedrich. Humano, demasiado, Humano. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.